

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## O peso dos grandes titulos

Os carrejões e os fidalgos — A dificuldade de usar um grande titulo — Paladinos e seus sucessores — A nobreza de escol — As honras do passado aos olhos do presente

Imagina-se que o pezo mais difficil de suportar é o das arrobas que os carrejões conduzem, suando sob seus fretes. Olha-se piedosamente para os que se esmagam debaixo das cargas, ajoujados fisicamente e sente-se, nos dias de verão, o fedor de seus suores irritando-nos as narinas; no inverno eles parecem bolas de lama miarchando no fragor das bâtegas, correndo as ruas, levando os seus caixotes, as malas ou empurrando as carrocinhas. Lamentamo-los e, por vezes, exclamamos:

— Coitados! Como eles podem?!

Uma grande impressão de dó nos enche diante desses portadores de fardos, expelindo mau cheiro ou besuntados pelo lodaçal, e, no entanto, eles não são os mais carregados, os mais esmagados, os mais dobrados sob as suas cargas. Não são. O peso mais difficil de suportar sem desequilíbrio é o dum grande titulo historico.

O homem de carrego tem que desenvolver a sua força, que sofrer doloridamente no seu esforço, é obrigado áquella faina sem a qual não come e reluzente de suor, empastado da poeira fina do carvão ou da cal, animal de carga, bruto de transporte, não é mais do que isso nem tem outras responsabilidades. Senta-se à sua meza para comer as mal temperadas sopas, para beber o seu vinho nalguma taberna dos caes ou dos bairros exóticos e sóbe para o casebre onde dorme na mesma passividade de quem não tem largas ambições. Quando atira o frete para o chão é um alivio que o regala, quando se safa da massada é uma alegria que o percorre e os seus domingos, sem aquella tarefa, enchem-no duma aventura igual à do macho que se deixa junto da mangedoura numas horas

de sueto. Os que pensam alem da faina em breve deixam de ser carrejões; conseguem libertar-se da profissão e enveredam por outros caminhos mas a maioria fica soldada a essa marcha inconsciente ao cabo de alguns anos, quasi isenta do sofrimento fisico, fazendo prodigios de carrego sem que se admire e sentindo pertencer a uma humanidade bem diferente daquela que vê passar satisfeita e contente à espera que lhe entregue as suas malas, as suas caixas, os seus moveis, os berços dos filhos, os caixões para os seus mortos.

Assim atravessam a existencia sob os olhares ou indiferentes ou comovidos dos que os veem, tornados conhecidos por suas proezas ou por sua honradez até que se somem, se tornam, por sua vez, frete ao serem arremeçados, por outros moços de carrego, ás valas onde ás vezes florescem rosas.

Imagine-se, porem, o portador dum grande titulo que se perfuma com agua de Colonia, que vive no seu palacio, passeia sobre tapetes fôfos, possui fortuna colossal e nas portinholas dos seus carros, como nas fachadas das suas residências senhoriais, vê bem esquartelado o seu escudo de armas. Toda uma ascendencia rumorosa de epopea resa da historia do país e anda nas bôcas do povo, toda uma tradição perfuma aquela raça cujo descendente lhe herdou os bens, os pergaminhos, as quintas e os solares, os automoveis e as comendas. O representante de tão grandes senhores ao tomar-lhes os nomes está sob um peso maior do que todos os carregados pelos numerosos carrejões do mundo. Ele parece não trazer sobre si mais do que os seus fatos, tem o ar descuidado e elegante de quem não sente a menor preocupação, todavia, esse grande fidalgo que não fede à soalheira, não se embosta nos lameiros, não mostra sobre os seus hombros fardos que se vejam leva consigo maiores pesos, mais fortes encargos e vive sob um esmagamento maior do que os pobres homens da labuta.

Claro que me refiro aos que dignamente correspondem à sua tradição, áqueles que sem repetirem as façanhas guerreiras, politicas, diplomaticas ou literarias de seus avós as conhecem o bastante para se considerarem honrados por tais feitos e são suficientemente dignos para não os esquecerem.

Estes devem ter uma consciencia sã ou um sobressalto permanente para não desmerecerem dos seus maiores, para não arrancarem ao titulo que usam os seus florões. Mais vale que se arruinem, que atirem fóra as fortunas e saibam morrer como grandes senhores sem caírem na traficancia, na imortalidade, na infamia do que pratiquem actos que sejam exactamente a expressão contraria dos que presidiram à inicial nobreza de suas casas.

Já se vê que é muito pesado o encargo de um grande nome e devia-se poder tirar aos descendentes dos grandes homens os seus apelidos ou os seus titulos desde que prevaricassem, fugissem à linha forte e briosa mantida por seus avós.

Quem assim procede não passa dum ser indigno da tradição herdada; dum homem que cambaleia sob uma responsabilidade, dum pigmeu esmagado debaixo dum nome gigantesco como se apoucaria no contacto dum montante ou ao encascar-se numa armadura. Repara-se que não sabe usar aquele nome; vê-se como um preto que se caiasse de branco; encara-se como um janota com a fralda de fóra e é muito mais nobre, muito mais simpatico, muito mais superior o carrejão que, fedendo ao sol, conduz

o seu frete do que o titular caído, esmagando-se, rolando-se sob os apunhaços que outros conquistaram.

O desgraçado moço que toda a vida se ajoujou sob as diversas cargas de seu lombo acaba sob as pásadas de terra de vala e ninguém mais se lembra da sua faina obscura; o nobre, mesmo ao morrer, deixa o rastro do que fez em vida a refletir-se sobre a historia de sua casa. Mas apesar da sua agua de Colonia, os que mal procedem, cheiram peor, mesmo em vida, do que o animal de carga suado a ganhar o seu pão.

É por isso que, quando se concedem titulos de grande retumbancia historica, se deve ter a segurança de seus herdeiros os poderem usar sem cambalear com tal peso.

Julgo que é sempre boa medida negar uma faca a uma criança e um titulo a um homem que não o póde sustentar e assim como se proíbem os revolveres aos doidos, tambem se devia proibir aos maus sucessores dos grandes titulos que os usassem de modo que lembrem alcunhas.

# Os misterios da Exposição do Rio de Janeiro

A defesa do ex-comissario—O que Ricardo Severo fez pela exposição—Como se salvou o nome portuguez—A má orientação do governo—Os símbolos da Exposição

O senhor Lisboa de Lima, ex-comissario do governo junto á malograda exposição do Rio de Janeiro, acaba de publicar um volume que é a sua defeza e do qual resultam varias cousas, muitas das quaes não tem a finalidade desejada. Vê se, todavia, que alguma coisa de mau, de muito mau se praticara antes da sua chegada do Rio e tão prejudicial para os interesses do país que um grupo republicano portuguez chamou a sua atenção para tais actos, tratando-as de «inqualificaveis abusos» e respondendo em tom sacudido ao engenheiro sr. Malheiro Rymão acusado de as ter praticado. Isto não fica bem esclarecido mas era um dos pontos que se devia tratar com maior clareza. Depreende-se tambem da defesa do sr. Lisboa de Lima que parte dos funcionarios do commissariado o traíram e ressalta, acima de tudo, a certeza da inicial desorganisação que levou o embaixador portuguez a intervir no assunto de modo a nos deixar tão mal colocados como já estavamos aos olhos dos brasileiros. A colonia—essa honrada colonia portugueza—desolava-se; envergonhava-se e o sr. dr. Duarte Leite tomou a unica resolução que poderia tomar e a qual parece ter desagradado imenso ao commissario demitido.

O representante de Portugal chamou para tomar conta do que era o descalabro o unico portuguez que poderia, por sua arte, por seu esforço e por seu prestigio, salvar o renome do país.

Como se sabe, Ricardo Severo, o renovador da arte de construção, o sabio e o artista cuja vida é um exemplo de trababalho e de honestidade, conseguiu no Brasil uma situação dalto destaque de resto a que a seus meritos corresponde. Pelo nosso país tentara uma obra; no país

irmão impô-la. Envolveu-se o trabalhador illustre na devida consagração. À sua volta solidificaram-se já as admirações de dois povos.

Foi este o homem que o sr. dr. Duarte Leite chamou naquele perigoso momento em que ia sossobrar todo o esforço português.

Com grande sacrificio de seus interesses em S. Paulo, onde reside, ele, muito instado, aceitou esse encargo de concluir os pavilhões, de fazer as instalações de não deixar na vergonhosa situação em que se encontravam esses edificios para os quaes já se tinha conduzido de Portugal uma população das mais heterogeneas desde as cantoras aos fileiros, tudo isto pago regiamente como se o país fosse ainda o mesmo do tempo de D. Manuel I em que se enviavam ao papa elefantes ajoujados de ouro.

Ricardo Severo, o proprio sr. Lisboa de Lima o confessa, nunca quiz aceitar o cargo de commissario geral da exposição que lhe ofereciam e para o qual era competentissimo. O seu compromisso foi o de liquidar o mau efeito que produziam aqueles monstros de ferro, já tintos pelo sangue de operarios, no meio da exposição. Mostrou o illustre artista, o maior dos desinteresses; não quiz titulos pomposos; deliberou actuar e assim fez dispensando todos os auxilios e até as explicações que o alto funcionario demitido lhe queria dar.

Inteirara-se já do que havia a fazer e, residindo em S. Paulo, vindo ao Rio de Janeiro duas ou trez vezes por semana e encarregando seu filho José de vigiar os trabalhos, levou-os a cabo e que não tinham conseguido os outros com toda a sua assiduidade.

Pois é disto que o sr. Lisboa de Lima faz um argumento que só depõe em seu desabono, marcando muito bem que se desde o começo tivessem entregue a direcção dos trabalhos àquele portuguez insigne, ele, apesar de residir a 12 horas de distancia do logar onde se edificava, teria realisado tudo sem os tropeços dos que andaram junto dos locaes, de pela manhã até á noite, para não fazerem a obra que se desejava.

Por consequencia, o que se quere apresentar como um mal resulta como uma certesa do erro de se ter enviado de Portugal quem não cumpriu inicialmente a sua tarefa e que o sr. Lisboa de Lima foi encontrar no mais desastrado modo.

À sua volta exerceu-se então a intriga e longe dela, recusando sempre o logar que o senhor visconde de Pedralva, agronomo, cubiçava. Ricardo Severo, engenheiro, ia salvando o nome portuguez, apesar dessa apregoada falta de assiduidade no terreno, de que o ex-comissario faz um delito.

O que esta tudo representa é o documento moral da maior incompetencia por parte dos governantes que trataram da Exposição do Rio de Janeiro. Senão vejamos. O que ia fazer como commissario adjunto, ao Brasil o sr. Pedralva que não percebe absolutamente nada de construções? E' verdade que tambem não sendo colonial já lhe deram uma

colonia para governar, do mesmo modo que entregam as mais delicadas funções aos mais grosseiros individuos neste país que sossobrará se todos os que o amam não derem até as vidas para o salvar.

Todo este escandalo da exposição se teria evitado da maneira mais simples, mais logica e servindo o mais patriotico criterio. Alem do Atlantico, estava Ricardo Severo; o governo portuguez entregava-lhe os trabalhos e ele requisitava os operarios e os materiaes de que carecesse e os nossos pavilhões não teriam deixado de pertencer á historia dum povo para ingressarem na historia picaresca.

Quiz-se fazer mais pomposamente as cousas e, então, de todo o nosso sacrificio surgiu um corpo de baile e uma companhia lirica que nem sequer tinham onde se exhibir.

Safu tambem a prova da ingenuidade do sr. Lisboa de Lima e da esperteza doutros e certas edificações de deixarem o país edificado.

## A revolução e os seus alvos

Os que sofrem e os que confiam—Os conúbios  
de varias côres — Razões de grande poder — O  
dinheiro e os créditos — E' preciso agir

De quando e m quando correm boatos de alteração de ordem publica; diz-se que o povo vai fazer assaltos e numa colera surda os republicanos indignam-se porque sentem perdido o amor que a multidão lhes tinha.

A culpa — senhores demagogos de fachada, senhores utilitarios da ganancia — não é do povo. E' dos senhores. Não foi êle quem faltou aos seus compromissos mas os senhores. Ele fez a revolução; os senhores desacreditaram-na. Ele sacrificou-se; os senhores medraram; ele continuou na officina, no escritorio, nos seus bairros, os senhores passaram para os grandes logares e para os palacios. Mais: os senhores ligaram-se, nos negocios, com certos monarchicos bastante esquecidos das dôres dos sacrificados da sua Causa, dos humildes da sua doutrina, para lhes tolerarem a companhia nos Conselhos da Administração. O povo queria os honrados; os senhores perverteram-se.

Quando vejo em negociatas individuos que se dizem realistas juntos com os jacobinos enriquecidos sinto um grande desejo de que essa anunciada revolução popular chegue, só para os vêr tão capazes de se rojar diante dum barrete frigio como dum trono desde que lhes corra o dinheiro. E' quando os analiso que almejo a revolução, essa tal hora em que se extremem os campos e se saiba quem é honesto nos seus créditos e quem o não é. Os republicanos mais receosos dessa hora, os que chamam ao povo a *canalha* são os que possuem já com que fugir, e capitais com que se manter no estrangeiro.

Ha tempos publiquei uma lista de antigos monarchicos feitos deputados, senadores, ministro da republica; agora seria interessante publicar a dos republicanos que se juntam com os monarchicos para os servirem desde que vejam lucros e tambem a de seus bens que, sem duvida, pertencem à nação e lhes devem ser sequestrados.

Em volta destes autenticos fantoches dum ideal manchado, destes miseraveis dum e de outro campo ha uma policia, uma guarda, um exercito, uns juizes, uma ordem estabelecida para lhes garantir as felonias, os roubos e as faltas de character. Nisso confiam; nisso se apoiam.

O povo ulula por detraz dessas baionetas e desses codigos. Os seus

exploradores gosam. Os monárquicos honrados—e felizmente são eles a grande parte da nação—os que se bateram no Porto e no Monsanto, os jornalistas que sacrificaram o seu futuro, os escritores que não transigiram, os soldados que sofrem ao verem os conúbios rangem os dentes ao lado da camada republicana que sente a traição dos seus. A plutocracia foi amalgamar-se na escumalha dos partidos. E' ela que recebe a revolta. Os sinceros não. Podem morrer mas não vão sujos de lama.

Porque razão, desde que a revolução se anuncia, com o caracter de punir exploradores, não se põem desde já fóra do partido monárquico todos, sejam quais forem suas qualidades, que ajudam esse crime no conluio dos republicanos?

E' que assim, honradamente, os bons monárquicos poderiam entrar nessa revolta sem terem que fuzilar alguns dos que se dizem seus correligionarios e os quais tem tanta fé nos principios que arvoram como aqueles republicanos que se lhes associam. Ou então o caminho é outro, bem outro, o que os homens de bem seguem quando se veem rodeados de pervertidos.

Por isso eu quando vejo um homem a tremer com medo do povo que julga—note-se não é da canalha que está quasi sempre ao serviço daqueles aventureiros—desejo penetrar na sua consciencia.

E de ha um tempo para cá vejo muita gente, que julgava honesta, a tremer o que só se explica penetrando um pouco nos cartorios dos tabeliães a procurar certas associações secretas.

# Os escravos brancos do Nyassa

A vida dumã companhia suzerana — Os empregados e os dirigentes — As altas razões duma grève — Os brados de revolta — Na esperança do castigo.

Deu-se um facto importantissimo em Africa o qual se passou no meio do silencio da imprensa. Só agora, ao cabo de mezes, eu recebo a carta que m'o comunicava, a qual trazia evidentes e grosseiros sinais de ter sido violada, certamente no territorio onde se deu o protesto e a revolta. Como se sabe a Companhia do Nyassa tem suzerania na região que ocupa de Porto Amelia até ao lago, do Luzi ao Oceano. Tem tambem um passado escandaloso, uma concessão que acaba breve e serve para enriquecer individuos cuja existencia na metropole seja periclitante, que tenham amizades em altos logares e a alguns dos quaes tem faltado os mais rudimentares escrupulos. Voltou ha pouco de lá, o sr. João Pinheiro, que nunca foi colonial, viveu adventiciamente na politica sem merecimentos proprios e foi buscar aos redditos da Companhia um bem estar que não usufruem os maiores trabalhadores ao serviço desse tradicional fóco de maus actos, desse vespeiro de tranquiernas. Não sei o que foi a acção do improvisado administrador. Calculo que cautelosamente — tanto quanto possivel — se houvesse com a tarefa e á parte o seu singular conflito com o intendente do Ibo, o qual ainda ha de dar que falar, fóra certo telegrama relativo a umas matas e seu apressado regresso, não tem, repito, mais larga crónica africana, que eu saiba. Mas como este panfleto é uma caixa de surpresas é crível que alguns esclarecimentos me cheguem pois sempre que trato qualquer assunto, largamente me acorrem os informes.

O que desejo demonstrar é a fortuna dos administradores escolhidos só pela simpatia dos dirigentes da Companhia do Nyassa e a desventura dos que geram esses proventos de que talvez tambem não gosem os accionistas.

No meio do silencio da imprensa, da calada do Parlamento, muito composto quando se trata de gente de negocios, se passaram coisas cousas graves que passo a arquivar nestas paginas como documentação da nossa epoca.

O ministro das colonias é o meu velho companheiro de infancia, Mariano Martins, e é um homem de bem. Ofereço-lhe, tambem, estes

dizeres para, quando se chegar ao renovamento do contracto do Nyassa, saber quais os interesses que tem a defender. Os do estado desde ha muito deviam estar acautelados.

Os empregados do Nyassa, os que se estiolam por essas regiões de Mocimboa, Ibo, Quissanga, Amaramba, etc., tem uma situação de escravos. Senão vejamos: Existem all europeus ganhando 140.000 reis mensais, muito menos do que se paga a um aprendiz ordinario de qualquer mister nas provincias da metropole; chefes de circunscricão não chegam a receber 500.000 reis por mez e os chefes de serviços não cobram mais de 1.500.000 reis. Alguns desses empregados, que tem familia, não comem pão; não ha medico em Porto Amelia porque se lhe oferece tanto como a um limpa calhas em Lisboa. A mortalidade aumenta por falta de socorros e chegam a passar-se scenas dramaticas no meio das horriveis existencias que levam aqueles a quem a Companhia devia auxilio e até a participacão dos lucros ou, pelo menos, uma proporcionalidade do que paga aos seus administradores.

Houve tempo em que decidiu ceder terrenos aos que o requisitassem, deixando-lhes alguns beneficios. Lançaram sementes os que as puderam obter, começaram a pensar nos lucros e quando a terra já tinha recebido cultivo, e já despesas largas estavam feitas revogou-se a ordem e, sem o menor respeito pelo que se tratara, declarou-se nula a primitiva deliberação.

Quando começaram a subir os protestos pensou-se em aumentar os vencimentos como uma compensação, mas de forma tão ridicula, tão mesquinha que mais parecia um novo desafio.

Sob aquele pessimo clima, servindo os que refasteladamente de Lisboa dão ordens, ajudando a enriquecer os seus delegados, os miseros contratados dessa Companhia soberana, que tem atraz do seu nome o echo de velhas manigancias, definham-se, morrem e nem sequer um grito de protesto sôa no parlamento onde, naturalmente, se instalam amigos ou dependentes dos redditos desse negocio magnifico.

Na carta que chegou violada ás minhas mãos, fazem-se terriveis revelações; outras virão e como o espaço reduzido dum panfleto não chega para uma campanha procurarei outros meios de atingir esses plutocratas que não contentes de se locupletarem em Lisboa, á custa de diversas classes, ainda prolongam á Africa velhas scenas de escravatura exercida sobre os seus servos agora revoltados.

Calcule-se que não ha hospitaes, que não existe serviço de saude, que não se cuidou em fazer abarracamentos para os indigenas concentrados em Porto Amelia. Os medicos recusam-se a trabalhar para quem lhes oferece 500.000 reis por mez; os farmaceuticos seguem-lhes o exemplo, existindo apenas um no Ibo. Ambulancias é uma cousa desconhecida na região; enfermeiros nem mesmo improvisados como os administradores. Junte-se a taes deficiencias a quasi ausencia de comunicações, de telegrafia sem fios, do vulgar telegrafo, de correios, de estradas, a falta de habitações, de serviços imprescindiveis, e ver-se-ha que a obra dessa Companhia magestática no nome é bem simbolizada nos seus selos privativos de cinco tostões os quaes representam uma zebra finamente listrada: as riscas pretas são as dos felizes—definem seus ganhos fortemente vincados; as brancas, as dos infelizes que andam num jejum de proventos.

Já se vê que fazem parte dessa Companhia, vivendo naquele territorio,

homens honrados e alguns inteligentes aos quais não sorriu a vida na metropole, uns porque não souberam extorquir heranças, roubar fortunas, mergulhar nas baixezas ou tirar da politica os rendimentos oferecendo-lhe os escrúpulos, outros porque imaginaram ir dar a sua saude e a sua faina a uma suzerana organização que lhes garantiria as existencias.

Foram ludibriados. Revoltaram-se. Declararam-se em grêve nos territorios. Á sua volta fez-se um silencio pesado; a imprensa, naturalmente, foi, como eu, roubada em sua correspondencia e lá nas agruras da África, eguaes a negros, os empregados brancos duma Companhia exploradora agonisam.

Ao mesmo tempo que isto se dá aparecem sintomas reveladores de escandalos que serão descobertos a seu tempo com as respectivas provas; marcam-se perseguições como a que sofreu o intendente do Ibo que, ainda ha dias, se queixava do processo, inufl, em primeiro lugar, falso e infecto, que lhe levantaram.

Seria curioso — mas essas cousas não se fazem num periodo em que as plutocracias dominam — examinar certa correspondencia trocada ha uns anos de África com um director do Niassa ácerca da venda de umas matas; como seria tambem interessante revelar — e não hesitaria em fazê-lo desde que tenha a autorisação pois já possuo a prova — o bastidor das perseguições áquele funcionario.

Aqui fica arquivada a noticia da revolta dos empregados do Niassa. Por toda a parte onde a exploração se exerce surgem as revoltas e isso anima os que nunca quizeram dar passos criminosos na vida como a maioria dos que teem ingerencia nesses negocios extranhos.

Dir-me-hão de que não servem para melhorar a sorte desses desamparados algumas paginas dum humilde panfleto. Nunca se sabe onde germinará a semente que um bom vento impele. Talvez que um dia estas palavras sirvam de libelo, de base, ao processo dos que miseravelmente deixam finar-se à mingua, por falta de socorros e de assistencia, os que acreditaram nas suas palavras de auxilio quando engajaram como escrava essa carne portuguesa e branca, tratada com o desprezo usado para com os negros explorados nos territorios da privilegiada Companhia.

## OS BASTIDORES DA HISTORIA

# Como o dr. Bernardino Machado enalteceu Sidonio Pais

Uma carta preciosa — Conselhos dum velho  
conselheiro — O que faziam os republicanos no  
tempo da guerra — A exploração da guerra —  
A claridade sobre a lama

Vai aparecer em breve um livro de Memorias Politicas.

É seu autor o sr. dr. Bernardino Machado e já que apenas pude guardar das que Teófilo escreveu algumas das revelações que me fez, gulosamente me preparo para lêr as do ex-presidente. É crível que em nome da salvação dos homens da republica — do que convencionaram chamar assim — se desvie o velho caudilho, e um antigo conselheiro, de publicar semelhante livro, assim como jámais se verá o do filosofo illustre que desenhára os seus companheiros do Governo Provisorio, porém, já não se apagará o efeito de uma das cartas que o sr. dr. Machado dirigiu ao sr. dr. Afonso Costa, quando era chefe de Estado, e este, seu presidente do conselho.

É datado, esse documento, de setembro de 1917, quando já andavamos conspirando para se demolir a infamia democratica que explorava o país. Se houvesse duvidas ácerca da razão que nos assistia contra esse bando, bastavam aquelas letras para a afirmar, se não estivesse em todas as consciencias a certeza da nossa justiça, essas palavras do presidente da republica seriam a melhor das acusações contra a quadrilha e a melhor defesa da acção revolucionaria de Sidonio.

«Meu prezado amigo:

*Tenho-lhe falado da necessidade de refrear a campanha difamatoria dos monarchicos. A Republica vive sobretudo pelas suas forças morais. Não se pode consentir, sem pronto desmentido, que se caluniem os ministros e as familias. Nem é licito a nenhum destes cumprimentar obsequiosamente em publico os seus proprios detractores.*

*Torna-se, por isso, necessario ter uma boa imprensa, que zele*

*escrupulosamente a dignidade republicana. Mas não se pode conseguir, se efectivamente os actos d'alguns dos nossos influentes politicos se prestarem á suspeição. Não convém que deputados e senadores dêem consultas em causas que prendam com interesses publicos.»*

O senhor dr. Bernardino Machado — com cuja politica jámais concordei — é um homem de mãos limpas; é um dos que não mergulhou em negocios; conserva o feitiço moral de velhos tempos em materia de sindicatos e dinheiros porcos, embora tenha deixado pôr em liberdade o Leandro para ser agradável ao dr. Alexandre Braga, advogado do incendiario, e mandado em paz, no Brasil, o homem que fôra confessar-lhe ter assassinado, em Lisboa, o tenente Soares. O embaixador deu-lhe a liberdade.

Honrado, pois, em tratos de negocios, buscava imprimir aos da suposta republica esta linha e aqui revela-se, para o historiador, uma face do character dêsse politico, que todos julgam arteiro, habil, de longa vista e que demonstra o contrário ao aconselhar o sr. dr. Afonso Costa, cujo escritorio de advogado era um subterraneo ligado com o ministerio da Justiça, e onde tinha agentes seus, empregados por seu interesse.

Dizia-lhe que *«não convem que deputados e senadores deem consultas em causas que prendam com os interesses publicos.»*

Nunca fizera outra cousa o avisado por este modo, e, exactamente por tais motivos, lhe movêra a formidavel campanha essa figura moral que se chamou João de Freitas, o qual apelara até para o assassinio, a fim de salvar o republica da acção do sr. Afonso Costa. Quando viu a revolução de 14 de maio triunfante e, de novo, o homem acusado, à beira do poder, deliberou matá-lo. Não o encontrou. Foi sobre o senhor João Chagas que descarregou a sua arma, num movimento de quem pune a sua revolta contra o governo Pimenta de Castro. Este ia sossobrar; voltariam as clientelas sujas do democratis no e o republicano honrado disparou a sua arma sobre o chefe oculto do movimento triunfante.

Por isso, o sr. dr. Bernardino, apodado de sagás e de arguto, aqui me aparece como esquecido ou como sarcástico.

Isto de dizer do advogado que, mesmo no tempo da propaganda, defendia interesses de Companhias poderosas, que mandasse coibir os deputados e senadores, ou é troça ou é amnésia.

É verdade que, nessa epoca, o negociante forense exercia as funções de presidente do conselho, e, a não ser que o isentasse na negociata, mal se comprehendem tais expressões para tal homem.

\*

\* \*

Continuava, do mesmo modo, a impôr uma singularidade que devia fazer rir o ministro que concedêra à Furness o aluguel vantajoso dos navios tomados aos alemães.

*«E não é admissivel que figuras d'importancia politica apareçam de parceria, em requerimentos de empresas dependentes do Estado, para as quais ninguem vê que tenham sido indicadas senão por essa mesma importancia.»*

*Não se deixem desenvolver tais fermentos morbidos. Conto, meu caro presidente do Ministerio, com todo o seu eficaz concurso.»*

O eficaz concurso seria para o contrário, pois toda a gente sabe como Afonso Costa, não figurando às claras nos negocios, dava riqueza aos seus delegados. Da escandalosa concessão da Furness não ficou nem um simples documento nos arquivos publicos. O presidente da republica soube que se fez essa negociata? Nesse caso porque não principiou por despedir o seu presidente do conselho?

Enquanto às figuras de importancia politica em parcerias de requerimentos de empresas dependentes do Estado chegára-se ao cúmulo do descaramento. Os homens do regimen eram pobres; o Estado não lhes pagava o suficiente para manterem as suas posições. Apareciam figuras morais, incapazes de traficancias ou, por suas influencias, de servirem os homens de ganhar, mas eram poucos: Antonio José, Camacho, Machado Santos, Teofilo, Magalhães Lima, etc., mais alguns que nem pelos amigos se comprometiam. Só mais tarde o clamor feito em tórno do assucar da Senna-Sugar viria apontar o segundo daqueles homens publicos como uma pessoa incapaz duma traficancia em seu beneficio, embora talvez susceptivel de ajudar um parcial com sua influencia. Em todo o caso, pelo que conheço dos seus anteriores processos, entram, sobre o assunto, dúvidas largas no meu espirito.

Porém, uma grande maioria, um bando desencadeado sobre a republica queria entesourar, gaphar a vida, fazer mealheiro, receoso de que durasse pouco o seu poder e então não hesitava mais, metia-se em todos os buracos onde pudesse encontrar dinheiro.

Lembravam aquella figura de frei Panfilio do belo livro de Mirbeau, *L'abbé Jules*, que não hesitava em ir buscar com os dentes, às pregas do anus dum burguês, as moedas de oiro destinadas a construir o seu templo.

Eles faziam o mesmo mas queriam mais e consubstanciavam, depois de enriquecidos, esta semelhança que eu topo entre tal camada de gente e os suínos: São—esses grandes ricos—como os porcos que fossam em todas as imundices para aumentarem as gorduras superfluas.

Donde viesse o dinheiro é que vinham os seus amigos e não houve empresa que não precisasse de ter o seu politico subsidiado, associado, exactamente como tinham os seus guarda-livros, os seus caixas, os seus empregados.

Depois isso foi moda e hoje — ao que se diz — esses estabelecimentos, esses concessionarios teem seus representantes em côrtes. Uns compramos na origem; pagam-lhe as despezas das eleições, obrigam-nos, talvez por meio de letras, a uma obediencia servil; outros adquirem-nos, já eleitos, com alguns massos de notas. Como, nêsto arremêdo de regimen, de deputado a ministro vai um passo—um mau passo para a nação—êles, os compradores, teem sempre uma das suas mãos no leme do Estado e a outra na algibeira tirando os subsidios para os cumplices.

Claramente se exprimiu o sr. dr. Bernardino Machado, ao explicar ao sr. dr. Afonso Costa:

*«Não é admissivel que figuras d'importancia politica apareçam de parceria, em requerimentos d'empresas dependentes do Estado para as quaes ninguem vê que tenham sido indicadas senão por essa mesma importancia.»*

Se depois disto ainda não está bem justificada a falencia dos repu-

blicanos do poder naquela epoca, não sei a que mais provas aspirem. A concussão, o lôgro, o dolo, o crime, o envio de gente para a guerra para explorar um negócio, eis o que o antigo presidente da republica asseverou nessa carta ao seu presidente de conselho.

\*

\* \* \*

Não haja mais duvidas diante dêste elucidativo periodo:

«Que a guerra tenha servido para medrar desmesuradamente capitalistas monarchicos, é mau, sob todos os pontos de vista. Mas que republicanos, em meio da tentação dos fornecimentos, da administração dos bens dos inimigo e dos grandes lucros industriais, se deixem adoecer da mesma febre gananciosa, é pessimismo.»

Eu não sei se os capitalistas monarchicos, na sombra tragica da guerra, «medraram desmesuradamente»; é possível que alguns fizessem negocios com proteções e bom seria que se revelassem seus nomes, mas o que sei, do que já ninguem pôde duvidar, é da cumplicidade dos traidores ao Estado em seu proveito.

Quem acusa? Um antigo chefe do Estado, que nos vem declarar aqueles crimes, encobrendo, todavia, os criminosos, como fez no Brasil ao assassino do tenente Soares.

Sabe-se que republicanos «em meio da tentação dos fornecimentos, da administração dos bens dos inimigos e dos grandes lucros industriais se deixaram adoecer da mesma febre gananciosa.»

Quere dizer. Enquanto os soldados iam aos rebanhos, dar o seu sangue, sofrer as inclemencias maximas, ficavam em Portugal os que administravam os bens dos inimigos, os que se associavam às fabricas para os grandes lucros industriais, os que partilhavam dos fornecimentos, vivendo à regalada, enriquecendo, bebendo o produto do sangue dos homens mandados para os campos da batalha.

O presidente do periodo da guerra é o proprio a confessá-lo.

Os campos ficavam despovoados, a melhor mocidade de Portugal ia arrastada para a defesa de cousas que não compreendia nem lhe diziam respeito, o país empobrecia-se, enquanto a Espanha — na sua neutralidade — se tornava opulenta — e de tudo isto deduzia-se que os republicanos, adoecendo da sua febre gananciosa, exploravam os males da patria.

Quem o confessa?

Aquele que foi um dos emprezarios da hecatombe nacional.

No meio da sua ancia de justificação pessoal, o sr. dr. Bernardino Machado — que, pelo exposto, nem é arguto nem psicólogo, tampouco politico, na accepção galharda do termo, — não vê que dá razão aos revolucionarios que o depuseram.

Havia infamias, os democraticos devoravam. O canhão os calou. Foi ou não digna, pura, honrada e recta a revolução de Sidonio?

Acusando os seus parciais, o sr. dr. Bernardino Machado é o melhor defensor do presidente assassinado.

Mais tarde, como os lucros da guerra nasciam da corrupção, o ven-

cedor quiz averiguá-los, isto é, quiz fazer aquilo que o vencido aconselhava ao seu presidente do conselho, ao escrever:

*«Chamo a sua atenção para certos homens do Porto. Essa cidade tem no anverso o emblema honroso do trabalho. Não se tolere que eles tentem aleivosamente pôr-lhe no reverso o da veniaga.»*

A estas e outras porcarias se quiz pôr côbro. E quem pretendeu fazer esta obra? Aquele que o presidente expulso nem sequer queria deixar em repouso na sua sepultura.

Quem prevaricava? Diz-se que os monarchicos. É possível mas tratava-se de «capitalistas», conforme o assevera o correspondente do sr. Afonso Costa, ao passo que os republicanos eram pobretanas que enriqueciam desmesuradamente, dando-lhes facilidades.

O odio cega os homens, mesmo os mais inteligentes, e, sem êle, eu não teria agora feito a analyse desta carta, que o sr. dr. Machado escreveu ao dr. Costa, quando o estimava, e hoje recorda, porque o detesta.

É verdade que se ela é da melhor documentação sobre a inteira ustiça da revolta sidonista, tambem explica, até certo ponto, as razões porque o presidente deposto não voltou ao poder.

Tinha escrupulos em assuntos que os democraticos — novamente no poder — julgavam básicos para a sua existencia, para o seu futuro e para o seu lema: «quem não é democratico é ladrão de si mesmo».